



***solutionS to enHance Interfaith protEction of
pLaces of worship from terrorist Danger***



*Este projeto é financiado pelo Fundo de
Segurança Interna - Polícia da União Europeia,
grant agreement no. 101034229.*

**PROTEÇÃO DOS LOCAIS
DE CULTO CONTRA A
VIOLÊNCIA E O PERIGO
TERRORISTA: UM GUIA
RÁPIDO PARA AS
PARTES INTERESSADAS
E OS PROFISSIONAIS
LOCAIS**



CRÉDITOS

Revisor: **Francine Martin (SYNYO)** e **Cristina Gillio (CIRS)**

Design gráfico: **Andrea Ceccaroni (Spin System)**



Este manual insere-se no âmbito do projeto SHIELD, financiado pelo Fundo para a Segurança Interna da União Europeia – Política ao abrigo do **acordo de subvenção n.º 101034229**.

AVISO LEGAL: O conteúdo deste manual representa apenas a opinião dos autores e é da sua exclusiva responsabilidade. A Comissão Europeia não aceita qualquer responsabilidade pela utilização que possa ser feita das informações nele contidas.



Este trabalho está licenciado sob a Creative Commons Attribution-NonCommercial

ÍNDICE DE CONTEÚDOS

1. INTRODUÇÃO	4
2. ANÁLISE DE DADOS ESTATÍSTICOS	7
3. PREVENÇÃO ANTECIPADA	11
4. A FERRAMENTA DE AVALIAÇÃO DA VULNERABILIDADE	14
5. MEDIDAS TÉCNICAS DE SEGURANÇA	16
SEGURANÇA: UMA QUESTÃO PARA TODAS AS COMUNIDADES RELIGIOSAS	17
EXTERIOR	20
Vedações exteriores	20
Sistemas anti abalroamento	22
Pessoal de segurança	25
Videovigilância	27
Sistemas de iluminação	33
Sistemas de proteção ativa e passiva contra incêndios	34
INTERIOR	34
Sistemas de aspersão	35
Detetores de fumo	37
Extintores de incêndio	38
Portas corta-fogo	39
Fechaduras eletrónicas inteligentes	40
Dispositivos DAE	41
Botões de pânico	41
Autoproteção em caso de atentado terrorista	42
Conclusão	44
6. NO RESCALDO DE UM ATAQUE	48
Protocolos de gestão de crises	49
Apoiar as vítimas e a resiliência da comunidade	50
7. PARCEIROS DA SHIELD	52

01 INTRODUÇÃO

Este manual é um guia conciso e prático sobre os principais resultados e recomendações do projeto SHIELD **para apoiar a proteção dos locais de culto contra o perigo terrorista**. O projeto SHIELD é constituído por um consórcio de 18 parceiros de 10 países da UE, a trabalhar de janeiro de 2022 a março de 2024, e financiado pelo Fundo de Segurança Interna da União Europeia no âmbito das suas políticas e plano de ação contra o terrorismo. Este plano tem por objetivo apoiar a proteção dos espaços públicos, desenvolver melhores capacidades para detetar e atenuar as ameaças, melhorar a resiliência das comunidades, bem como sensibilizar os cidadãos e promover um maior envolvimento a nível regional e local, bem como a nível internacional.

A análise do projeto SHIELD centrou-se num subconjunto de espaços públicos: locais de culto que possuem intrinsecamente um valor

especial que tem de ser cuidadosamente preservado, e os quais, crentes e não crentes de todas as Comunidades, reconhecem como tendo um forte valor simbólico em torno do qual o sentido comum de identidade alimenta a coesão social a nível local, nacional e europeu.

O consórcio do projeto, que envolveu um vasto leque de partes interessadas e especialistas no tema, desenvolveu um conjunto de estratégias, ferramentas e recomendações que agora partilhamos com os leitores deste manual, o qual se destina aos **líderes das comunidades religiosas, aos seus gestores de segurança, aos decisores políticos locais e aos representantes das forças de segurança**. O objetivo é fornecer informações e orientações práticas que possam apoiar um sistema de proteção abrangente.

Em particular:

1

Por um lado, **para aumentar a consciencialização:**

- sobre a questão da segurança, com base na nossa análise dos dados e tendências dos ataques violentos ou terroristas a locais de culto na Europa nas últimas duas décadas, para cada uma das três principais religiões: **cristã, judaica e muçulmana;**
- sobre as práticas e abordagens de prevenção da radicalização e polarização violentas.

2

Por outro lado, **fornecer orientações práticas e operacionais:**

- sobre os **instrumentos de avaliação dos** riscos para identificar as partes e os acontecimentos mais vulneráveis nos locais de culto;
- sobre as **medidas técnicas de segurança** a aplicar para reforçar a proteção interconfessional dos locais de culto;
- sobre abordagens de mitigação no rescaldo de um ataque, seguindo protocolos de emergência, juntamente com a prestação de serviços de apoio às vítimas.

Para tirar o máximo partido do conteúdo deste manual, a nossa recomendação prévia aos leitores é que tenham em mente a importância de **estabelecer e manter a cooperação** entre as autoridades públicas, os líderes religiosos e os peritos em segurança, o que inclui a criação de **canais de comunicação claros** e a disponibilização de informação e sensibilização para as ameaças à segurança.

A fim de facilitar a leitura deste manual, tentámos reduzir ao mínimo a terminologia especializada. No entanto, é necessário um **esclarecimento terminológico** para concluir esta introdução. Deve notar-se que não existe uma definição oficial e universalmente aceite de terrorismo, e que rotular um acontecimento violento como um ataque terrorista tem implicações ideológicas e políticas. Por conseguinte, o consórcio SHIELD decidiu adotar o termo mais amplo de “ataque violento ou terrorista” para englobar todas as infrações violentas motivadas por razões políticas, religiosas ou culturais - geralmente referidas como terrorismo, extremismo violento, fundamentalismos, crimes de ódio - contra locais de culto.

Finalmente, os editores e revisores deste manual agradecem a todos os parceiros do consórcio do projeto que trabalharam nas análises e resultados do SHIELD. Uma rede de organizações religiosas, peritos em segurança, polícia, câmaras municipais e empresas de tecnologia, que têm a liberdade e a segurança dos indivíduos no coração e querem que as comunidades pratiquem a sua fé e vivam as suas vidas sem medo.

dezembro de 2023

Para garantir a mais ampla divulgação deste manual, os parceiros do projeto concordaram em fornecer uma versão digital traduzida para as respetivas línguas nacionais. Estas versões estão disponíveis aqui: <https://shieldproject.eu/handbook>



O primeiro seminário do projeto Shield teve lugar a 1 de dezembro de 2022 na Grande Mesquita de Roma, Itália

02

ANÁLISE DE DADOS ESTATÍSTICOS

A relevância do enfoque nos locais de culto e nos edifícios religiosos foi confirmada pela **análise de dados** realizada pelo projeto SHIELD sobre os ataques violentos desde o início do século XXI até hoje.

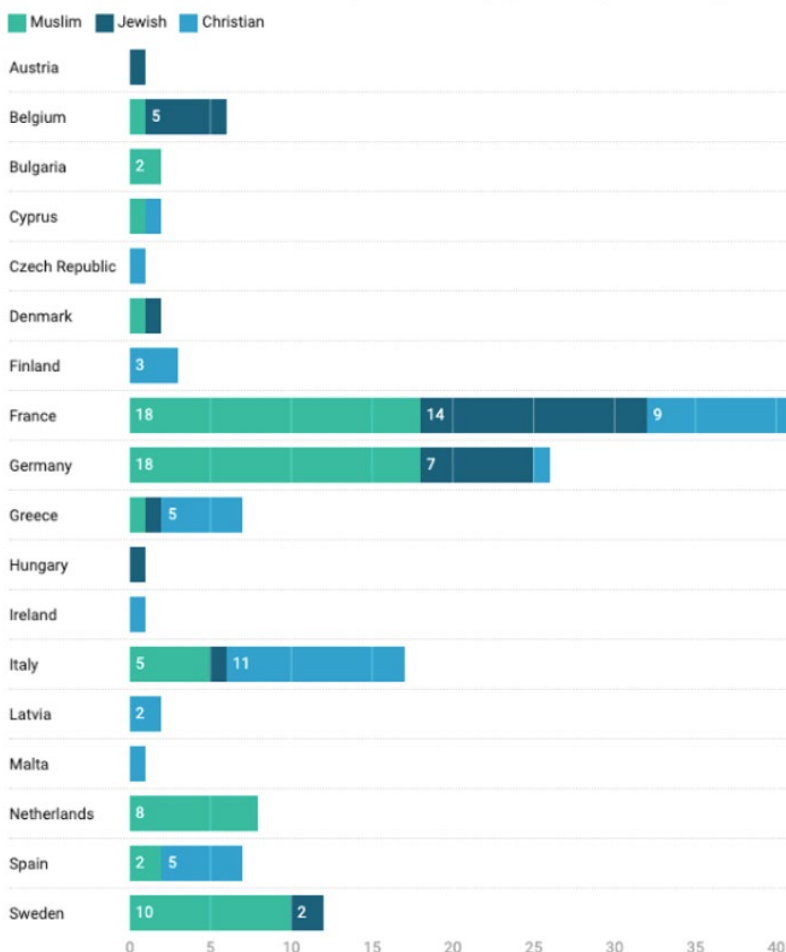
De facto, mesmo que estes locais nem sempre tenham sido o alvo principal dos ataques terroristas mais graves dos últimos anos, quase **todos os países europeus sofreram, nos últimos 20 anos, um ataque violento direto**, Como mostrado nesta figura.



Países da UE que sofreram pelo menos um ataque violento a edifícios religiosos

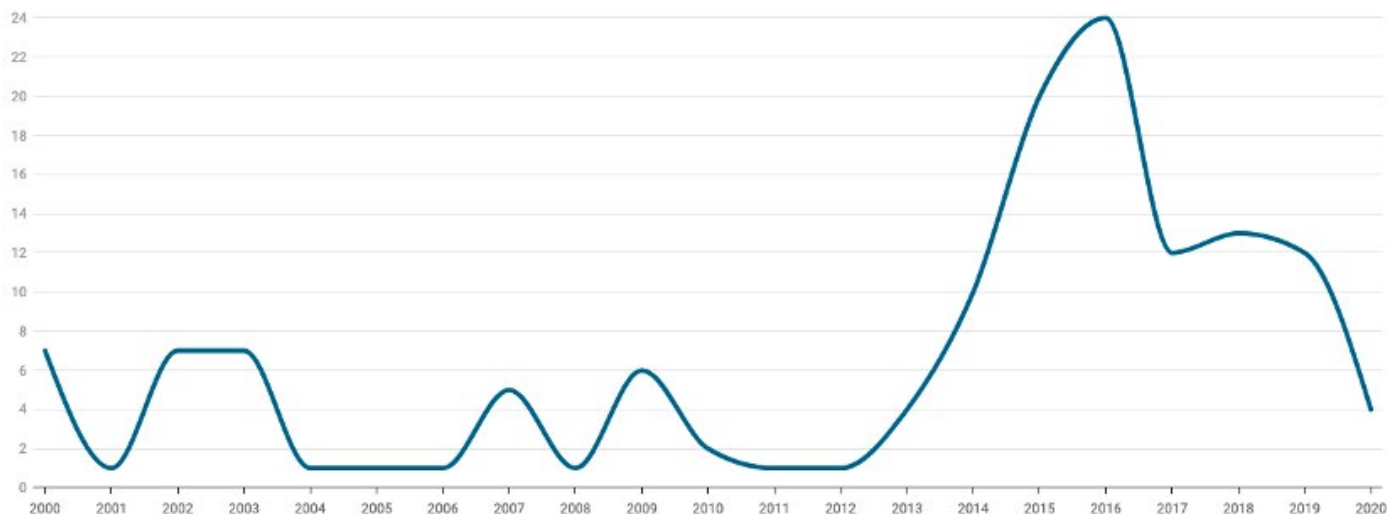
Com base na mesma análise de dados recolhidos, o projeto SHIELD também compilou a distribuição de ataques violentos por país e religião visados, concentrando-se nas três principais fés monoteístas, conforme destacado no gráfico abaixo.

Number of violent attacks per country per targeted religion



Número de ataques violentos por país e por religião

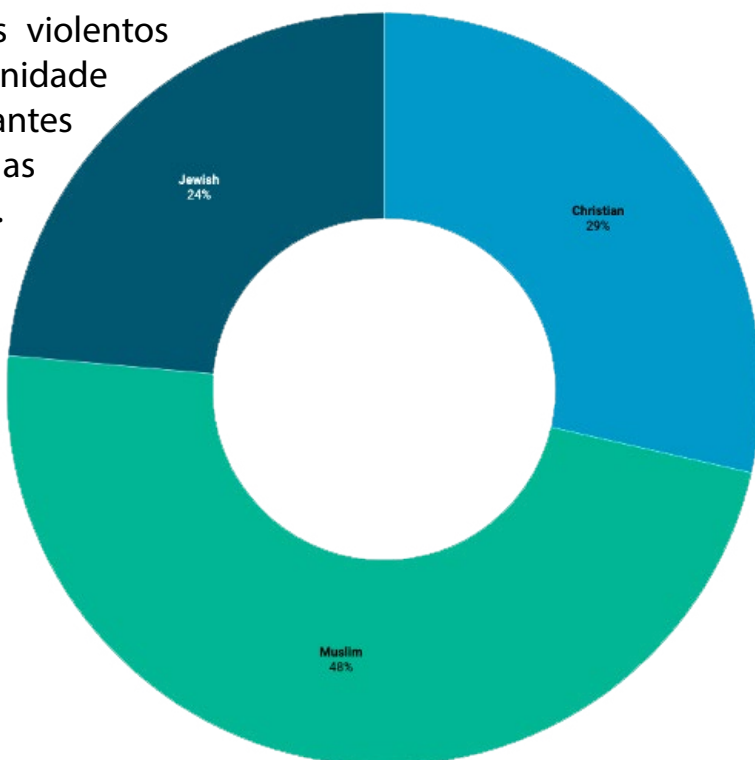
O gráfico seguinte ilustra a distribuição quantitativa dos ataques na linha do tempo, mostrando claramente a flutuação ao longo dos últimos 20 anos e o pico entre 2013 e 2017. Um pico que reforça a motivação subjacente ao projeto SHIELD para se concentrar na proteção dos locais de culto religioso.



Número de ataques violentos a locais de culto entre 2000 e 2020

Além disso, quase metade dos ataques violentos registados foram contra a comunidade muçulmana (48%), enquanto os restantes ataques se dividem igualmente entre as comunidades cristã (29%) e judaica (24%).

Percentagem de ataques violentos contra os 3 monoteísmos na UE



Estes dados estatísticos, que incluem os ataques tanto a edifícios como a pessoas, permitem tecer algumas **considerações bastante relevantes**:

- 1. Comunidade muçulmana:** é frequentemente alvo de ataques em países com maiores comunidades muçulmanas, como França, Alemanha e Suécia. No entanto, a Itália e a Holanda também sofreram ataques significativos, apesar de terem uma baixa percentagem de muçulmanos. Os conflitos político-religiosos contribuíram para o aumento da violência dos supremacistas brancos e do extremismo de direita, resultando em numerosos atos de terrorismo contra locais de culto muçulmanos.



- 2. Comunidade cristã:** enfrenta vários tipos de ataques que são difíceis de analisar, uma vez que têm diferentes motivações e atores por detrás. Alguns dos ataques são motivados por atos de vandalismo (como acontece com outras comunidades), por grupos de extrema-esquerda ou anarquistas (especialmente na Grécia e em Itália) e, sobretudo, pelo jihadismo islâmico, que visa destruir e minar os símbolos da identidade europeia e, por vezes, ferir diretamente as pessoas.
- 3. Comunidade judaica:** é vítima de ataques surpreendentemente violentos, que muitas vezes resultam em vítimas. Embora representem apenas 25% do total de ataques e apenas 0,2% da população total da União Europeia, são desproporcionalmente visados por uma série de atores, especialmente a extrema-direita e o islamismo jihadista.

Esta análise de dados, para além de oferecer uma imagem da situação europeia ao longo das duas décadas, serviu de base ao Projeto SHIELD para examinar o modus operandi presente em todos estes ataques. Através deste exame e das vinte entrevistas adicionais efetuadas com representantes das várias comunidades religiosas, pudemos:

- a. avaliar o nível de consciencialização e de preparação das diferentes comunidades religiosas na Europa e, por conseguinte, o nível de preparação das comunidades religiosas;
- b. desenvolver a ferramenta de avaliação da vulnerabilidade proposta e as medidas de segurança adequadas, adaptadas aos cenários possíveis em função do tipo de edifício religioso e da sua localização, apresentadas nos capítulos 4 e 5 do presente manual.

03 PREVENÇÃO ANTECIPADA

A análise dos recentes ataques, apresentada no capítulo anterior, revelou que os locais de culto não foram adequadamente protegidos devido a uma subestimação dos riscos. De facto, apesar de o risco ter sido identificado a nível nacional, **os locais de culto de pequena dimensão e/ou locais não tinham conhecimento dos riscos ou eram incapazes de implementar medidas de mitigação.** Por conseguinte, antes de apresentar a avaliação da vulnerabilidade e as medidas de segurança, é importante recomendar algumas **abordagens e práticas para aumentar a sensibilização** numa fase inicial da prevenção.

A falta de perceção dos riscos a nível local pode denotar uma falta de conhecimento sobre o funcionamento da violência política: **um acontecimento geopolítico, longe das nossas comunidades, pode causar repercussões e afetá-las.** Temos um exemplo marcante desta dinâmica na guerra do Médio Oriente, que eclodiu a 7 de outubro de 2023 e que conduziu imediatamente a um recrudescimento dos ataques terroristas na Europa nas semanas seguintes, a um aumento global dos incidentes de antissemitismo e islamofobia e a um alarme crescente de várias agências de informação ou de combate ao terrorismo relativamente à segurança das comunidades e locais religiosos. Assim, desde os ataques bombistas em Madrid em 2004 e em Londres em 2005, muitos países europeus e a União Europeia desenvolveram **programas e políticas para prevenir a radicalização que conduz ao terrorismo.** O objetivo dessas políticas é **aumentar a resiliência e os esforços das comunidades locais para interromper, o mais rapidamente possível, o processo de radicalização violenta** antes de um indivíduo ou um grupo se envolver em atividades criminosas.

Embora o projeto SHIELD não se tenha centrado no trabalho de prevenção



antecipada, destacou, durante todos os eventos públicos que organizou ou em que participou, **a importância de as autoridades locais, a sociedade civil e as organizações religiosas levarem a cabo práticas que apoiem a salvaguarda da coesão social e a resiliência** dos cidadãos e das comunidades. O trabalho de prevenção antecipada tem como principal objetivo **evitar os riscos de polarização e radicalização** de opiniões e pontos de vista sobre questões sensíveis, independentemente de estas serem de natureza política ou religiosa.

As atividades de diálogo inter-religioso e intercultural são o eixo central de um trabalho de prevenção que deve ser sempre aberto e contínuo num contexto de conflitos cada vez mais interligados a nível internacional, tal como acordado por todos os representantes das principais religiões que participaram no primeiro seminário do projeto Shield, que teve lugar a 1 de



dezembro de 2022 na Grande Mesquita de Roma, em Itália.

A recomendação para os líderes das comunidades religiosas, os responsáveis políticos e representantes das forças de segurança é, por conseguinte, a criação de redes locais - abertas às partes interessadas relevantes, tais como o sistema educativo, os serviços de assistência social, a prisão e a reinserção social, as organizações da sociedade civil, etc. - com consciência dos riscos decorrentes dos conflitos globais e com capacidade operacional para uma intervenção de prevenção contínua **no terreno e ao longo do tempo**.

Relativamente à questão da polarização e da prevenção da radicalização, a Rede de Sensibilização para a Radicalização (em inglês RAN - Radicalisation Awareness Network), criada pela Comissão Europeia em 2021, desenvolveu um vasto **repositório de práticas** que podem inspirar os leitores deste manual e que está disponível aqui:

RAN - Coleção de práticas inspiradoras.

A Coleção RAN oferece aos profissionais, decisores políticos e investigadores a oportunidade de se inspirarem nas práticas existentes e de encontrarem exemplos adaptáveis ao seu contexto local e específico.

https://home-affairs.ec.europa.eu/system/files/2021-05/ran_collection_approaches_and_practices_en.pdf



04

**A FERRAMENTA
DE AVALIAÇÃO
DA VULNERABI-
LIDADE**

No seu esforço para apoiar as autoridades locais e regionais na proteção dos espaços urbanos, a Direção-Geral da Migração e dos Assuntos Internos (DG HOME) da União Europeia desenvolveu o Instrumento de Avaliação da Vulnerabilidade (em inglês VAT - Vulnerability Assessment Tool) ou a Lista de Verificação (em inglês VAC - Vulnerability Assessment Checklist) da UE. Uma ferramenta cujo principal objetivo é fornecer **apoio prático para poder adotar medidas adequadas para prevenir e atenuar os ataques terroristas e as suas consequências.**

Esta VAC, originalmente dirigida às autoridades locais e regionais, foi modificada e simplificada pela equipa do projeto SHIELD, para satisfazer as necessidades específicas dos locais de culto. Em todo o caso, a utilização **desta ferramenta requer boas competências em matéria de segurança do espaço público e de gestão de riscos**, pelo que recomendamos aos leitores deste manual que criem **uma pequena equipa “multi-agências”** que envolva os peritos qualificados adequados.

A política de segurança local deve conter sempre uma referência à mitigação dos riscos que são críticos ou graves para o bem visado, no nosso caso os locais de culto. **A VAC é uma forma objetiva e racional de as partes interessadas definirem os seus planos de ação e as medidas técnicas de segurança, tal como descrito no capítulo seguinte.**

A VAC SHIELD segue a ideia de que o risco geral é a multiplicação de três fatores:

1. Sensibilidade do local (com base na dimensão, utilização, arquitetura);
2. Ameaça ao local (por modus operandi e por zona de segurança);
3. Medidas de proteção (por níveis de segurança) para diminuir/mitigar o risco.

A ameaça é altamente dependente dos parâmetros locais de dano e probabilidade que são mostrados numa tabela de matriz a ser definida por especialistas em cada local.

Para obter os resultados da avaliação dos riscos para cada espaço ou edifício, a lista dos fatores analisados no âmbito da VAC deve ser inserida na tabela matriz que faz parte do repositório online do projeto, juntamente com **todos os ficheiros pertinentes.**

Os ficheiros VAC - que incluem: **a)** a explicação da metodologia, **b)** o VAC e **c)** o Excel (matriz) para obter a avaliação - estão disponíveis aqui:

<https://shieldproject.eu/handbook>

05 MEDIDAS TÉCNICAS DE SEGURANÇA

SEGURANÇA: UMA QUESTÃO PARA TODAS AS COMUNIDADES RELIGIOSAS



Na União Europeia, a abordagem da proteção das comunidades religiosas varia um pouco de país para país. Em alguns Estados-Membros, a proteção das comunidades religiosas é vista como uma responsabilidade do governo e é apoiada tanto pela aplicação da lei como por meios financeiros. Em muitos Estados-Membros, porém, as comunidades religiosas não dispõem de apoio estatal, pelo que têm de atenuar os riscos que enfrentam com os seus próprios recursos. Os custos de construção e funcionamento dos sistemas de segurança são muito elevados, pelo que valeria a pena que a Comissão Europeia discutisse esta questão em pormenor.

As conclusões do projeto SHIELD sublinham que o objetivo fundamental destas medidas de Segurança, consiste em salvaguardar a

vida humana como a principal prioridade. É imperativo que as comunidades religiosas priorizem a garantia da segurança e da liberdade para que os indivíduos vivam suas vidas e pratiquem a sua fé sem medo. Assim, as medidas de segurança centram-se principalmente na prevenção de ataques que ponham em perigo vidas humanas e não apenas na proteção de bens. Embora a proteção dos bens continue a ser essencial, é secundária em relação à **preservação da vida humana**. A implantação de sistemas de segurança envolve uma **abordagem em camadas**, em que as soluções individuais funcionam de forma independente. Idealmente, várias medidas de segurança a funcionar em simultâneo têm como objetivo contrariar eficazmente um potencial ataque.

As comunidades religiosas, as autoridades locais e as forças de segurança, na Europa, devem considerar alguns princípios de segurança que são os seguintes:

1

O objetivo da defesa é proteger a vida humana.

A proteção da propriedade é importante, mas não tão importante como a proteção da segurança dos membros da comunidade, dos hóspedes e dos visitantes. Não é aceitável que a vida ou o modo de vida da comunidade seja posto em perigo.

2

Prevenir os ataques é mais eficaz do que derrotá-los.

A preparação é necessária para garantir que a comunidade é capaz de responder a ameaças e ataques específicos, mas a tónica deve ser colocada, antes de mais, nos métodos preventivos. A prevenção engloba muitas coisas, desde meios passivos de proteção, à criação de planos e processos de proteção, até à formação adequada para responder.

3

O sistema de segurança deve ser sistemático e estratificado.

Os ataques devem ser mantidos o mais longe possível da zona sensível. Devem ser colocadas barreiras e controlos progressivamente mais fortes entre as pessoas a proteger e os atacantes, que devem poder funcionar independentemente uns dos outros.

4

Os recursos devem ser partilhados proporcionalmente entre os três pilares da defesa.

As tecnologias, os recursos humanos e os procedimentos só funcionarão eficazmente se forem desenvolvidos em igual medida. Os resultados da análise contínua dos riscos devem ser tidos em conta no desenvolvimento dos pilares da defesa. No caso de surgirem novos riscos, devem ser encontradas as respostas necessárias, tendo em conta que estas se devem basear na cooperação entre a tecnologia, os recursos humanos e os processos de segurança.

5

Nas suas operações, as forças de defesa devem ser proactivas e não passivas nos seus processos operacionais.

São necessárias patrulhas ativas, controlos e testes de vigilância. Estes asseguram o necessário efeito dissuasor, a prevenção e a elevada qualidade. A manutenção de defesas dinâmicas não é uma tarefa fácil, especialmente no caso de períodos prolongados sem operações hostis ou sem que estas sejam detetadas.

6

A formação e os exercícios, tanto para o pessoal de segurança como para a comunidade, devem ser continuamente assegurados.

Não basta adquirir apenas conhecimentos teóricos; os exercícios de segurança devem ser efetuados regularmente. Devem ser efetuadas simulações, incluindo o envolvimento das equipas de gestão de crises.

7

Devem ser efetuadas verificações e auditorias sistemáticas, mas aleatórias, do funcionamento dos sistemas de segurança.

Todas as tecnologias e normas são tão fortes quanto o seu cumprimento. Sempre que possível, o funcionamento dos sistemas de segurança deve ser medido e avaliado (exercícios táticos, autoauditorias, inquéritos ao pessoal) para demonstrar melhorias na qualidade.

8

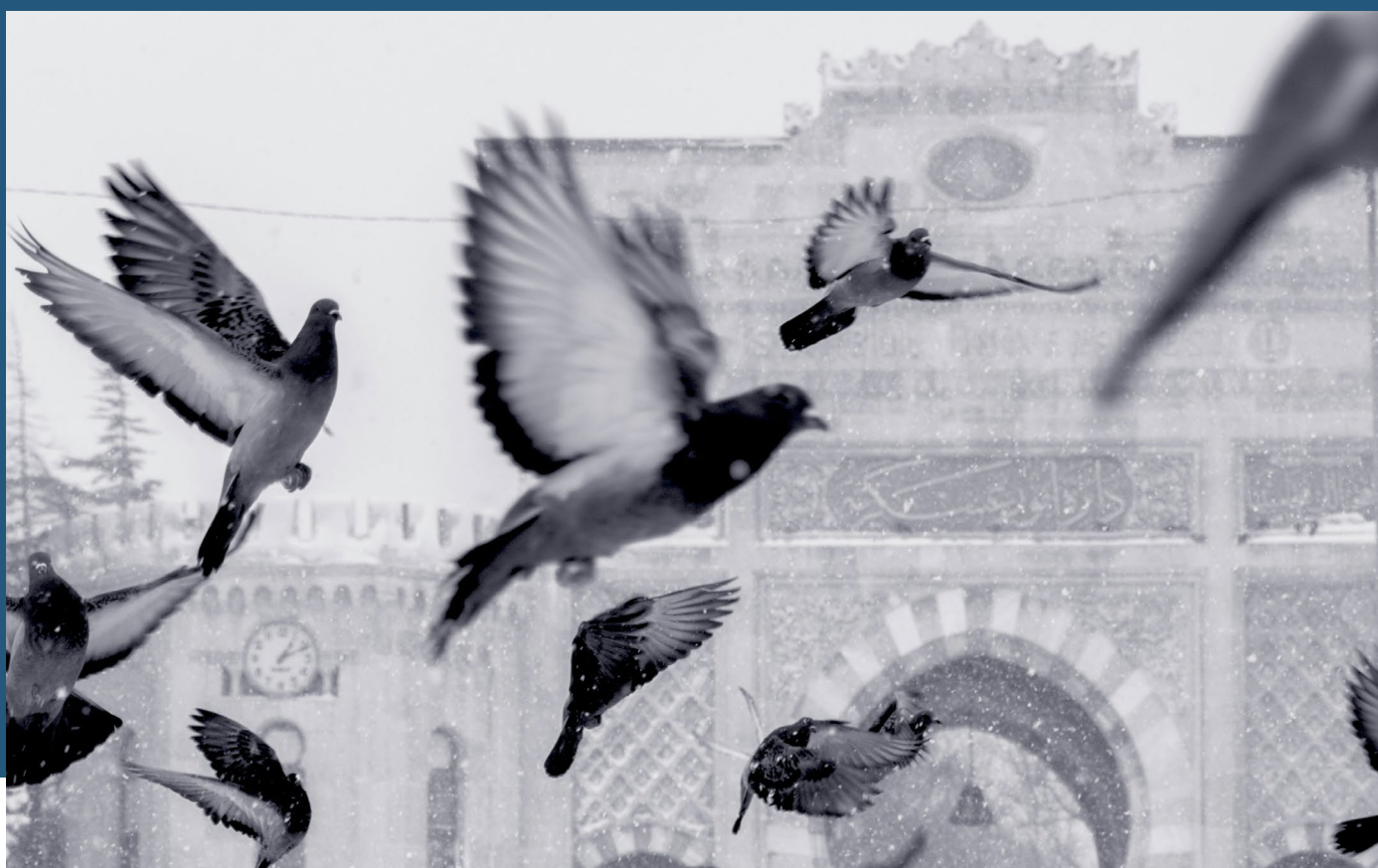
Assegurar a existência de pessoal adequado para efetuar as tarefas de segurança.

A pessoa responsável pela segurança deve ser diretamente responsável perante o líder da comunidade, mas também deve ter uma responsabilidade considerável na sua própria área, com a autoridade adequada. Devem ser selecionados profissionais fiáveis e altamente qualificados que sejam empenhados e profissionalmente competentes.

9

Devem ser estabelecidas e mantidas boas relações com os profissionais designados pelas autoridades.

De acordo com o princípio da prevenção, as informações sobre eventos suspeitos devem ser partilhadas e os avisos devem ser tidos em conta. Deve-se deixar claro aos contactos designados pela autoridade que as suas opiniões e envolvimento são importantes para a segurança da comunidade e que os incidentes detetados e partilhados pela comunidade ajudarão a prevenir o crime.



Vedações exteriores

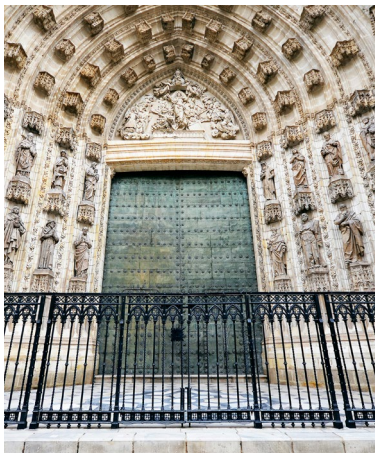
“Uma barreira física é um meio de estabelecer uma área de acesso controlado em torno de um edifício ou de um bem. As barreiras físicas podem ser utilizadas para definir os limites físicos de um edifício e podem ajudar a restringir, canalizar ou impedir o acesso e constituir um obstáculo contínuo à volta do local. As barreiras físicas podem criar uma dissuasão psicológica para qualquer pessoa que planeie uma entrada não autorizada. Podem ser utilizados vários elementos para criar uma barreira física, alguns naturais e outros artificiais. Os elementos de barreira natural incluem rios, lagos, cursos de água, terrenos íngremes e outras características do terreno que são difíceis de atravessar. Os elementos artificiais incluem vedações, muros, pilaretes, plantadores, barreiras de betão”.

As vedações e os muros são a forma mais comum de proteção de todos os locais contra intrusões indesejáveis. Para além da sua função primária de segurança, as vedações e os muros delimitam o espaço de um local de culto e, em particular, o seu perímetro exterior. As vedações podem ser de vários tipos e com características técnicas diferentes, desde as puramente delimitadoras e estéticas até às capazes de travar veículos pesados lançados a grande velocidade.

As vedações são muito eficazes, pois formam uma barreira física e psicológica que delimita uma área bem definida. No entanto, as vedações têm alguns limites bastante precisos: se forem demasiado baixas e/ou feitas de material não resistente, não podem ser eficazes porque estão sujeitas a degradação, rutura e não podem resistir a um veículo ou a uma explosão. Além disso, podem ser facilmente contornados, o que anula a sua função. Outro elemento a considerar é a vigilância das vedações: sem um mínimo de equipamento de vigilância (CCTV), corre-se o risco de confiar na perceção de que as vedações não serão transpostas. As vedações são então absolutamente incapazes de deter indivíduos armados. No entanto, são muitas vezes instrumentos indispensáveis para a segurança de um local de culto, pois constituem uma primeira barreira, um limite, entre um perímetro exterior e o local de culto. Por último, convém recordar que as vedações devem ser concebidas com o equilíbrio certo entre a necessidade de segurança e a coesão com o meio envolvente, respeitando também as regulamentações locais relativas à instalação de barreiras de segurança.

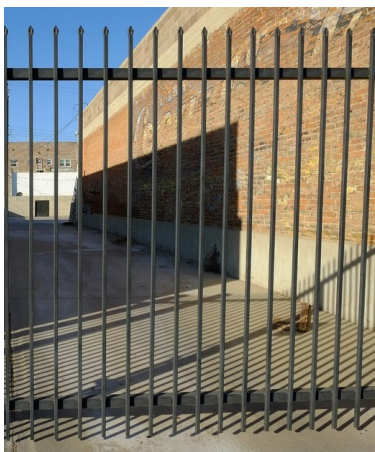
Como se pode imaginar, a característica mais crítica das vedações é, para além da probabilidade de o limite periférico ser violado sem controlo adequado, o ponto de entrada, que, se não for vigiado, é um ponto crítico fundamental.

Existem muitos tipos de vedações. Segue-se uma lista não exaustiva de vedações, em função de diferentes características:



Grade metálica:

este tipo de vedação é um dos mais adequados para a segurança dos locais de culto. Do ponto de vista estético, adaptam-se a qualquer contexto, porque, se forem construídas de raiz, podem fazer eco do estilo do local de culto ou dos edifícios circundantes. Quanto ao material, são geralmente fabricados em ferro forjado, o que os torna muito seguros e duradouros, embora exijam manutenção. O seu custo é mais elevado, mas normalmente não permitem que sejam trepados, resistem à passagem de veículos e, se acompanhados de chapas metálicas, oferecem também uma boa privacidade.



Vedação de barras verticais/vedação de aço:

este tipo de vedação é um bom compromisso entre custo e eficácia. As vedações de aço também podem ser criadas de forma a não serem escaladas e têm várias alturas, até 4 metros. Em função da espessura e do tipo de metal utilizado, podem também impedir a passagem de veículos, sobretudo se houver betão armado na base do perímetro. Este tipo de vedação é também esteticamente mais adaptável a vários contextos.



Vedações de malha soldada e/ou elos de corrente:

este tipo de barreira é de longe o mais barato, o mais fácil de instalar e com custos de manutenção muito reduzidos. Está disponível em várias alturas, mas a mais comum é de cerca de 1,80 metros. Embora seja a vedação mais fácil e mais barata, é também a que oferece menos proteção, pois pode ser facilmente trepada e danificada, não é de todo resistente à passagem de veículos e, esteticamente, pode não valorizar o local de culto. Só se a vedação for fixada sobre uma base de betão armado à volta do perímetro é que poderá impedir a passagem de veículos, mas, em qualquer caso, todas as vulnerabilidades existentes se mantêm.



Barreiras ha-ha ou “saut de loup”:

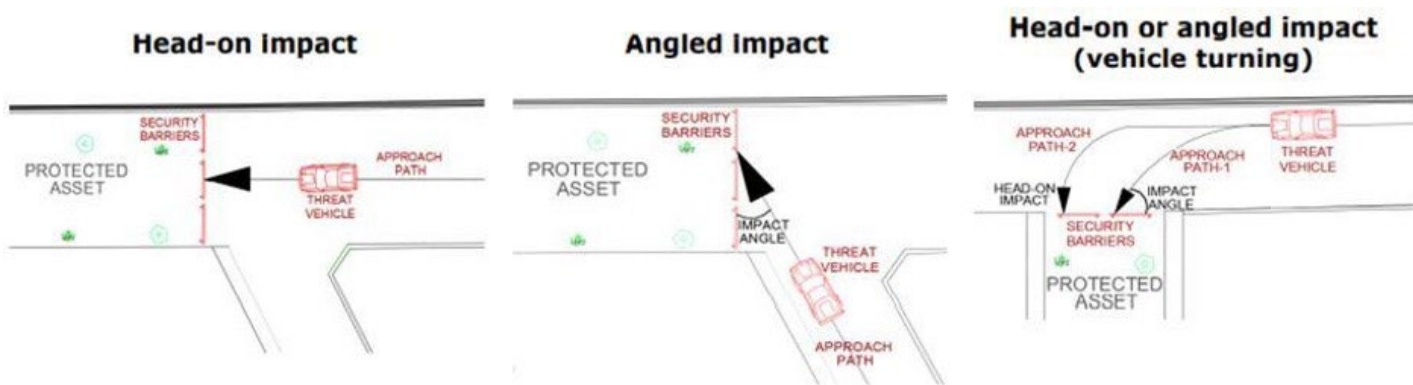
a barreira ha-ha é um elemento de desenho paisagístico recuado que cria uma barreira vertical (particularmente de um lado), preservando ao mesmo tempo uma vista ininterrupta da paisagem do outro lado. Impede a entrada de veículos e pessoas não autorizadas numa determinada área, mantendo a vista do interior para o exterior.

Sistemas anti abalroamento

Nos últimos anos, tem-se verificado uma tendência crescente de ataques com veículos contra alvos fáceis, como as pessoas. Esta tendência crescente de ataques com veículos, caracterizada pelo abalroamento de veículos que, ou são deliberadamente conduzidos a alta velocidade contra o público para maximizar o número de vítimas humanas, ou são utilizados para transportar um engenho explosivo improvisado perto de uma instalação, diz também respeito a locais de culto.

O aumento da utilização de ataques com veículos é atribuído à sua relativa facilidade de planeamento, acessibilidade e conhecimentos mínimos necessários para efetuar o ataque. A fim de bloquear ou minimizar os danos destes ataques, é necessária uma estratégia eficaz para a proteção do perímetro físico. Esta estratégia baseia-se na implementação de sistemas anti abalroamento, que são obstáculos que atuam como uma barreira. Estes sistemas anti abalroamento param um veículo mal intencionado se este tentar violar o perímetro de segurança, obrigando-o a reduzir a velocidade ou a parar completamente, antes de causar destruição e ferir pessoas. Estes sistemas devem ser colocados em estradas e passagens e podem ser cativos ou passivos, permanentes ou temporários e podem ser feitos de vários materiais, como aço, betão e rocha. As plantas e as árvores de grande porte também podem ser utilizadas como sistemas anti abalroamento, sendo menos impactantes (mas com o mesmo grau de eficácia) e mais amigos do ambiente no que respeita à envolvente.

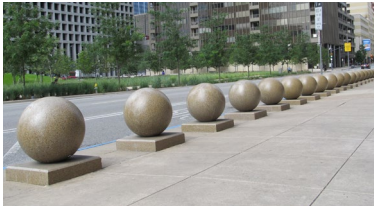
Para compreender quais são os sistemas anti abalroamento mais eficazes para um local religioso específico, deve ser efetuada uma avaliação dos riscos e da vulnerabilidade, nomeadamente imaginando múltiplos cenários de ataque, a dimensão e a velocidade potenciais do veículo e as possíveis rotas de ataque. Estes elementos ajudarão a determinar o tipo de barreiras necessárias.



Exemplo de cálculo de cenários e trajetórias

O objetivo da barreira é absorver a energia cinética do veículo em excesso de velocidade no ponto de impacto, impedindo a sua penetração ou causando-lhe danos significativos, de modo que tenha de parar pouco tempo depois. Além disso, estas barreiras podem também atuar como um fator de dissuasão, funcionando como um obstáculo psicológico contra potenciais atacantes.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de sistemas anti abalroamento ou de outros elementos arquitetónicos que podem ser utilizados como tal:



Pilaretes:

estes elementos são uma das formas de barreira mais utilizadas. São predominantemente utilizados nos centros das cidades e nas zonas pedonais. Normalmente são feitos de aço, betão armado ou uma combinação destes dois materiais. A sua forma estreita e o seu tamanho reduzido tornam-nos menos intrusivos em comparação com outras soluções. Os pilaretes são uma solução económica e pragmática que pode ser largamente utilizada para a proteção de locais de culto. Podem ser fixos ou retrácteis e equipados com luzes, se precisarem de ser visíveis.



Barreiras temporárias (baias):

são reimplantáveis e, uma vez que não são construídas com uma base no solo, dependem da agregação de várias barreiras para evitar ataques de colisão. São normalmente utilizadas durante grandes eventos públicos, ou como instalação temporária para não intervir no terreno, mesmo que por vezes esta solução temporária se torne a solução perene. Infelizmente, estes elementos não são os mais eficazes para proteger as casas de culto e não se enquadram muito bem numa paisagem urbana. São úteis no caso de um grande evento público que atraia multidões, mas não como solução a longo prazo.

Elementos paisagísticos e arquitetónicos:

o mobiliário urbano reforçado e os elementos da paisagem urbana que se integram e misturam suavemente no ambiente urbano são também utilizados como uma forma valiosa de barreira para bloquear os ataques de veículos. São por vezes constituídos por elementos de utilização dupla ou múltipla (como postes de iluminação, paragens de autocarro, postes de sinalização, esculturas, bancos) e o seu principal valor acrescentado é o seu impacto visual mínimo. Quando são combinadas com outras formas de barreiras, como os pilaretes, tornam-se muito eficazes. Apresenta-se de seguida uma lista parcial de potenciais elementos que podem ser utilizados como sistemas anti abalroamento:



Bancos em betão armado:

este elemento pode ser uma excelente forma de proteção, se for colocado em posições táticas e precisas. Podem ser colocados de forma a criar um perímetro fictício à volta do local de culto ou em zonas pedonais para evitar a aproximação de veículos. Além disso, podem ser bem integrados no ambiente, cobrindo o banco com madeira e elementos decorativos como plantas. É importante ter

em conta que a estrutura deve ser de construída de forma a evitar a fragmentação no caso de uma explosão. Outro elemento que pode ser considerado é um muro em betão, que é muito eficaz, mas, infelizmente, nem sempre se enquadra esteticamente no ambiente circundante.



Grandes vasos e canteiros:

podem ser feitos de metal ou, melhor ainda, de betão armado e devem ter as mesmas características dos bancos acima referidos, em especial o material escolhido não deve constituir um risco potencial para a vida, causando ferimentos em caso de explosão. A mesma abordagem é válida para os montes de terra com plantas, os bancos de betão intercalados com plantas e/ou relva.



Árvores:

as árvores de grande porte são uma fonte de proteção muito válida contra a tentativa de penetração de um veículo no perímetro, especialmente se forem colocadas em filas densas. Obviamente, as árvores devem ser bastante grandes e de grande porte e talvez não sejam adequadas para um centro histórico de uma cidade, mas podem ser uma opção válida para um local de culto rodeado de grandes espaços vazios. As árvores têm não só um grande valor paisagístico, mas também um efeito de proteção, ou seja, em caso de explosão podem ajudar a conter o impacto da mesma. As fileiras de árvores podem ser consideradas também um elemento integrador de uma vedação, pelo que serão apenas brevemente mencionadas na secção dedicada às vedações.



Pedregulhos e rochas:

quando o seu tamanho é especialmente grande e se estiverem densamente colocados, podem atuar como barreira para impedir que um veículo force o perímetro. Dependendo do tipo de mineral, podem ser resistentes a uma explosão em diferentes graus.



Plantação de sebes:

A plantação de sebes pode ser uma boa alternativa à construção de um muro perimetral para fins de segurança, especialmente para locais de culto ou outros locais públicos. Pode ajudar a obstruir a visão de potenciais atacantes e tornar a área mais natural, sendo também económica. No entanto, é importante escolher o tipo certo de vegetação para o clima específico e o local onde será plantada. O tipo errado de plantas pode não fornecer cobertura suficiente ou pode exigir manutenção excessiva, o que pode anular os benefícios da utilização de sebes para segurança. Além disso, alguns tipos

de mastros podem fornecer proteção contra ondas de choque causadas por explosões. Por conseguinte, é importante ter em conta as necessidades específicas de segurança da zona ao escolher o tipo de vegetação e outras defesas naturais a utilizar. De um modo geral, a plantação de sebes e outras formas de defesa natural pode ser uma forma eficaz de aumentar a segurança e, ao mesmo tempo, manter a beleza natural da zona. No entanto, é importante considerar cuidadosamente as necessidades específicas do local e escolher o tipo certo de vegetação e outras defesas naturais para garantir a proteção necessária.

Pessoal de segurança

Entre as muitas soluções existentes para a proteção dos locais de culto, a do pessoal de segurança desempenha um papel muito importante. São possíveis principalmente três tipos de patrulhamento:

1. Patrulha a pé;
2. Patrulha motorizada;
3. Patrulhamento híbrido (o patrulhamento é efetuado por veículos não tripulados que podem ser seguidos à distância por seres humanos).

Obviamente, o elemento fundamental a ter em conta na escolha de uma das duas soluções é a extensão geográfica do território a patrulhar e os custos dos recursos a envolver.



Soldados franceses em patrulha numa sinagoga

Convém recordar que as patrulhas e o pessoal de segurança identificável são, por si só, uma forma de dissuasão. No entanto, os objetivos do pessoal de segurança consistem em garantir a segurança de determinadas zonas, em especial:

- as imediações do local de culto, incluindo zonas de estacionamento, zonas pedonais e estradas de acesso;
- o perímetro exterior imediato do local de culto;
- o interior de um local de culto;
- outros elementos (infraestruturas, equipamentos, materiais) que possam constituir uma ameaça para a segurança das pessoas ou dos edifícios.

Entre as funções do pessoal de segurança, deve mencionar-se a verificação constante dos pontos críticos já identificados, o controlo das entradas, a verificação do estado das barreiras de segurança (vedações, portas fechadas, portões, etc.) e o comportamento suspeito das pessoas e a identificação de potenciais ameaças como objetos deixados sem vigilância.

Se o patrulhamento não for garantido pelas autoridades policiais e, em vez disso, for organizado pelas próprias comunidades religiosas, devem ser seguidos alguns princípios básicos. Aplicando estas medidas, podem evitar-se algumas falhas de segurança:

- **O patrulhamento deve ser imprevisível:** devem ser organizados horários diferentes para o patrulhamento em função das necessidades do local de culto e da situação específica (por exemplo, se o local de culto está aberto durante toda a semana, se está sempre cheio de gente, quais são os eventos que atraem muitas pessoas). A frequência e o momento do patrulhamento devem ser determinados após uma avaliação adequada dos riscos e das vulnerabilidades.
- **Os percursos de patrulhamento devem variar:** deve ser tida em consideração a criação de diferentes rotas para o patrulhamento. Se a área circundante tiver estradas pequenas (por exemplo, o centro de uma cidade antiga), considere pelo menos diferentes pontos de partida e de chegada.
- O patrulhamento consiste não só na presença física como dissuasão, mas também em atividades específicas diárias, como a verificação dos seguintes elementos:
 - » as condições das infraestruturas e dos elementos de segurança (barreiras, vedações, restrição efetiva das zonas fechadas, etc.);
 - » verificação pontual antes e depois de eventos específicos em que são esperadas multidões;
 - » comportamento suspeito das pessoas nas zonas circundantes;
 - » circulação ou estacionamento de veículos suspeitos;
 - » atos de vandalismo, especialmente se forem difundidos discursos de ódio;
 - » a integridade das infraestruturas de segurança após acontecimentos naturais violentos.

Videovigilância

Os sistemas de videovigilância são muito úteis para permitir uma intervenção mais rápida das equipas de emergência e para detetar comportamentos invulgares, como potenciais atividades de espionagem. Para atingir esse objetivo, é essencial que sejam continuamente monitorizados por um operador. Os sistemas que apenas registam dados e não transmitem imagens em tempo real são significativamente menos eficazes porque apenas permitem a prova de factos durante o julgamento em tribunal. No entanto, em zonas de risco muito reduzido, estas soluções também podem ser consideradas. A legislação nacional, que pode variar muito consoante o país, deve ser sempre verificada e consultada quando se trata de proteger a privacidade. As soluções de colaboração público-privada e de segurança integrada podem ser exploradas em vários países. Estas opções implicam a instalação de uma câmara de vídeo, paga pelo organismo privado, mas que envia as imagens para a sala de operações da polícia. As câmaras podem então ser apontadas para um espaço público aberto.

Uma vez que as câmaras podem ser equipadas com sensores que podem detetar potenciais intrusões, os sistemas de alarme de intrusão não foram tidos em consideração nesta análise, numa perspetiva de poupança de custos. Naturalmente, o utilizador final é livre de instalar também sistemas de deteção de intrusão para aumentar a segurança.

As câmaras de segurança são elementos fundamentais e atualmente quase omnipresentes em muitos locais de culto. Podem ser divididas em vários tipos, mas, antes de mais, há que fazer duas distinções essenciais:

- **Câmaras que gravam, mas não enviam imagens em tempo real para uma sala de controlo:** estas câmaras são certamente úteis como elemento de dissuasão psicológica, mas não têm qualquer elemento de prevenção. Uma vez que não estão ligadas a uma sala de controlo, não existe um operador capaz de acompanhar a situação em tempo real e/ou intervir em caso de alerta. Este tipo de câmara só é útil em casos de baixo risco e quando os riscos de segurança estão apenas relacionados com a propriedade, como tentativas de intrusão para roubo e vandalismo.
- **Câmaras com ligação a uma sala de controlo local ou sala de supervisão:** este tipo é o mais adequado para uma prevenção eficaz e para impedir as ameaças mais graves dirigidas contra as pessoas. A este respeito, um elemento importante a salientar é o papel do(s) operador(es) de controlo, cuja função é vigiar as ameaças potenciais. Os sistemas de CCTV devem ser adaptados às necessidades do local de culto após uma avaliação dos riscos e das vulnerabilidades. Há dois elementos principais a considerar quando se fala de CCTV:
 1. Tipo de câmaras;
 2. Localização das câmaras;



1. TIPOS DE CÂMARAS

Existem dois tipos principais de câmaras:

1. Câmaras digitais (ou câmaras IP);
2. Câmaras analógicas.

As câmaras IP (Internet Protocol) são todas as câmaras digitais capazes de enviar e receber dados através de uma rede IP. São muito utilizadas como câmaras de videovigilância e existem em diferentes modelos e capacidades. As câmaras de vídeo analógicas, por outro lado, captam imagens, gravam-nas e enviam-nas como sinais analógicos através de um cabo coaxial para um gravador de vídeo digital (DVR). Este último converte então os sinais analógicos em sinais digitais, comprimindo o ficheiro e armazenando-o num disco rígido.

Antes de destacar as principais diferenças, prós e contras das câmaras de vigilância analógicas e IP, há vários fatores que são frequentemente ignorados quando se fazem comparações entre os dois tipos. Estes incluem dois elementos principais:

1. resolução: as câmaras IP captam imagens de melhor qualidade com uma resolução mais elevada e têm um campo de visão muito mais amplo do que as câmaras analógicas;
2. armazenamento: uma câmara IP pode consumir até 6 vezes mais espaço em disco do que uma câmara analógica no mesmo período. Isto também depende da resolução e das especificações HD das câmaras.



PRÓS E CONTRAS DAS CÂMARAS IP

<i>Prós</i>	<i>Contras</i>
As câmaras IP têm vários sensores num único dispositivo e podem cobrir um amplo ângulo de visão. Além disso, têm uma resolução mais elevada e, por conseguinte, imagens de maior qualidade.	Em comparação com as câmaras analógicas, as câmaras IP são mais dispendiosas de instalar. No entanto, são mais fáceis de personalizar e escalonar do que as analógicas.
À medida que a tecnologia melhora e mais destes produtos chegam ao mercado, as câmaras IP estão a tornar-se cada vez mais acessíveis. Hoje, temos várias câmaras IP de nível básico que vale a pena comprar.	São de alta resolução e, por isso, ocupam muito espaço de armazenamento.
As câmaras IP são fáceis de instalar: não são necessários codificadores/descodificadores e apenas é necessário um cabo para a alimentação e ligação de dados a um switch de rede.	Estas câmaras têm uma interface de utilizador que pode exigir alguma aprendizagem por parte de pessoas que não tenham conhecimentos técnicos.
Oferecem maior segurança, uma vez que o vídeo é encriptado antes da transmissão.	

PRÓS E CONTRAS DAS CÂMARAS ANALÓGICAS

<i>Prós</i>	<i>Contras</i>
São significativamente mais baratas do que as câmaras IP, especialmente quando é necessário instalar várias câmaras.	As câmaras analógicas não são ideais para áreas com muito movimento, devido à sua baixa velocidade de varrimento e qualidade de imagem.
As câmaras analógicas são fáceis de utilizar e não requerem uma curva de aprendizagem.	Cobrem menos área, pelo que são necessárias mais câmaras analógicas para um determinado projeto do que câmaras IP.
As câmaras analógicas de alta-definição (HD) estão agora disponíveis no mercado e melhoraram significativamente a qualidade da imagem e do vídeo.	Não dispõem de tecnologia de encriptação de dados, pelo que as imagens e os vídeos são suscetíveis de serem alvo de piratas informáticos.
É fácil encontrar um instalador a um preço relativamente baixo.	

Existem então diferentes tipos de câmaras, consoante as suas características e o seu destino:

- Câmaras interiores: estas câmaras são especificamente concebidas para áreas interiores e são normalmente em HD, mas com material mais barato do que as câmaras exteriores.
- Câmaras exteriores: a resistência às intempéries é a principal distinção entre câmaras IP interiores e exteriores. Estas últimas são concebidas para tolerar variações significativas de temperatura e humidade e ser capazes de resistir à neve, à chuva e ao pó.
- Câmaras Pan Tilt e Zoom (PTZ): esta câmara é capaz de efetuar panorâmicas horizontais (da esquerda para a direita), inclinações verticais (para cima e para baixo) e zoom (para ampliação). As câmaras PTZ são frequentemente colocadas em postos de vigia onde os funcionários ativos podem geri-las utilizando um controlador de câmara remoto. A sua principal função é monitorizar regiões abertas e extensas que necessitam de ângulos de visão de 180 ou 360 graus. Dependendo da câmara ou do software utilizado, também podem ser configuradas para serem ativadas pelo movimento ou em função de um horário pré-definido.
- Câmaras de visão noturna por infravermelhos: esta câmara permite maximizar a eficácia da videovigilância em condições de pouca luz.
- Bullet CCTV: a maioria das câmaras bullet possui LEDs que permitem que a câmara veja bem no escuro ou em situações de pouca luz. Pode ser utilizada no interior ou no exterior e pode suportar condições meteorológicas adversas ou temperaturas extremas. As câmaras bullet são conhecidas pelo seu maior alcance e não tanto pelo ângulo de visão e podem ser montadas em qualquer parede, o que as torna uma excelente opção para monitorização externa.
- Câmaras DOME: são uma opção versátil e visualmente subtil para a vigilância. A caixa tem a forma de cúpula, como o nome sugere, e é normalmente colocada no teto ou sob o beiral, uma vez que necessitam de uma superfície horizontal para serem montadas. São extremamente duráveis, com uma caixa resistente a vandalismo, e podem suportar todos os elementos, tanto a nível interno como externo. A maioria das opções de câmaras dome inclui vigilância com visão noturna por infravermelhos, imagens de alta resolução e imagens de ângulo dinâmico amplo para cobrir uma vasta gama de áreas.
- CCTV 360°: pode captar vídeos ou fotografias omnidirecionais.
- Câmaras capazes de distinguir entre pessoas e animais, a fim de reconhecer potenciais ameaças e enviar alertas aos operadores de segurança
- Câmaras com sistemas de posicionamento .
- Câmaras para reconhecimento de matrículas .
- Câmara capaz de contar pessoas.

Quase todas estas câmaras (câmaras IP) podem ser integradas com outros sensores (movimento, incêndio, etc.) para enviar automaticamente um alerta ao pessoal de segurança.



Câmara Pan Tilt e Zoom (PTZ)



Câmaras bullet



Câmaras DOME ou de cúpula



Câmara 360°



Câmara capaz de efetuar o reconhecimento humano

2. LOCALIZAÇÃO DAS CÂMARAS

Para além dos diferentes tipos de câmaras de segurança e as suas características, é também necessário analisar a sua possível localização e outras orientações para maximizar o potencial das câmaras.

Uma das primeiras coisas que nos vem à cabeça é que a colocação das câmaras deve ser cuidadosamente pensada: menos câmaras do que as realmente necessárias deixarão vulnerabilidades que podem ser exploradas por intrusos maliciosos, o excesso de câmaras custará demasiado caro, não será tão eficaz como parece e, ao mesmo tempo, pode até intimidar os utilizadores do local de culto. As câmaras colocadas de forma visível em locais específicos aumentam a sensação de segurança e ajudam a dissuadir psicologicamente os utilizadores, ao passo que um número excessivo de câmaras pode quase induzir uma sensação de insegurança.

Em geral, os elementos a ter em conta são os seguintes:

- Identificar os domínios exatos a controlar (nem tudo tem de ser controlado);
- Prestar atenção à luminosidade da área a monitorizar (uma luminosidade baixa reduzirá a definição geral, mas uma fonte de luz demasiado próxima pode criar reflexos incómodos);
- Evitar ângulos mortos, como paredes, colunas ou objetos salientes que limitem a visão;
- Atenção à vegetação: as árvores podem constituir sérios obstáculos à vista;
- Tentar fazer com que o público se aperceba da existência de câmaras de vigilância, por um lado para incutir segurança e, por outro, como dissuasão psicológica. Ao mesmo tempo, as câmaras devem integrar-se esteticamente no resto do edifício;
- As câmaras devem ser posicionadas de forma a não poderem ser danificadas ou vandalizadas sem que as outras câmaras se apercebam. Normalmente, aplica-se o princípio de “câmaras que se observam umas às outras”.

Em conclusão, pode constatar-se que as câmaras de vigilância são uma ferramenta muito eficaz, se forem seguidas algumas regras e se as mesmas forem utilizadas de forma eficiente e correta.



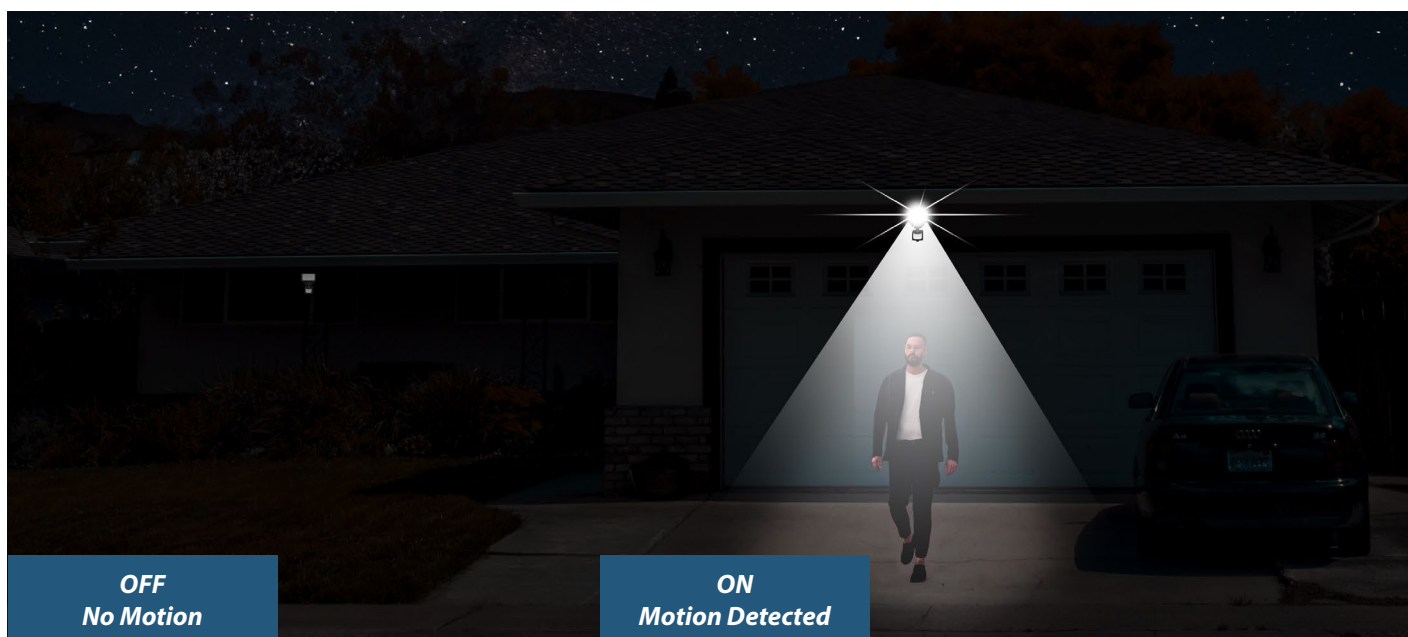
Sistemas de iluminação

Esta secção descreve a iluminação suplementar alimentada por uma fonte alternativa à principal (que pode ser fornecida pela administração local se o edifício estiver situado numa via pública). A iluminação de segurança proporciona um nível de iluminação que permite identificar claramente as pessoas ou os objetos e cria um fator psicológico de dissuasão das atividades criminosas na zona protegida. Existem quatro tipos gerais de iluminação exterior de segurança:

- iluminação contínua;
- iluminação de emergência;
- iluminação amovível;
- iluminação de reserva.

A luz com sensor de movimento é ligada pelo sensor de movimento. Normalmente, isso significa que a luz se acende automaticamente assim que o sensor deteta o movimento de uma pessoa. Também pode haver um mecanismo para acender a luz manualmente, mas não é o mais comum dos casos.

Estes sensores podem ser ligados a CCTV e podem também emitir automaticamente um alerta para a sala de controlo.



Iluminação com sensor de movimento

Sistemas de proteção ativa e passiva contra incêndios

Os sistemas de proteção ativa são uma opção que pode ser tida em consideração, assim como os sistemas de proteção passiva. Pode definir-se como “ativo” qualquer equipamento que atue em caso de incêndio. Uma intervenção, que pode ocorrer com ou sem a presença de um homem, é necessária para a proteção ativa. Este tipo de proteção contra incêndios inclui **extintores, sistemas de extinção de incêndios com bocas de incêndio ou sprinklers, extrusoras de fumo e calor, sistemas de pressurização e sistemas de deteção e alarme de incêndios.**

Todas as ações que atenuam os efeitos de um incêndio sem exigir a intervenção humana ou a ativação de um dispositivo são designadas coletivamente por sistemas de proteção passiva. Estas medidas impedem a propagação do incêndio. Assim, são produtos para proteger componentes estruturais, para delimitar compartimentos resistentes ao fogo, ou simplesmente materiais com propriedades de baixa combustibilidade como barreiras ao fogo.

A combinação de sistemas de proteção ativa e passiva permite proteger adequadamente os locais de culto contra o risco de fogo posto, que pode ser provocado de várias formas. Por exemplo, alguém pode entrar num local de culto, durante a noite, e incendiar o mobiliário de madeira ou atirar uma garrafa de cocktail molotov contra as portas, durante a cerimónia ou quando as pessoas saem. Uma garrafa de cocktail molotov pode também ser atirada para o interior da estrutura depois de se partir uma janela com uma pedra. A combinação dos sistemas de proteção contra incêndios ilustrados abaixo é uma boa opção para garantir a proteção do edifício, tanto durante o dia como durante a noite, uma vez que combina sistemas de proteção que são ativados automaticamente com outros que devem ser ativados manualmente por um operador. No entanto, é necessário ter em conta que as regras de proteção contra incêndios podem diferir significativamente entre os vários estados-membros da União Europeia. Por conseguinte, as ideias gerais aqui apresentadas devem ser aprofundadas aquando da instalação, sob a orientação de um técnico especializado e familiarizado com a aplicação da legislação local. Deve também ter-se em conta que, de acordo com as leis nacionais locais, os locais de culto podem não estar sujeitos a regulamentos de incêndio ou estar sujeitos a eles, mas com limites significativos, respeitando outros. Este facto exige obviamente um elevado grau de flexibilidade na aplicação do que a seguir se propõe.



Sistemas de aspersão



Sistema de aspersão

O sprinkler é um sistema automático de extinção por chuva. Tem como objetivo detetar a presença de um incêndio e controlá-lo de modo que a extinção do mesmo possa ser completada por outros meios, ou extingui-lo na fase inicial. (ESFR - Early Suppression Fast Response).

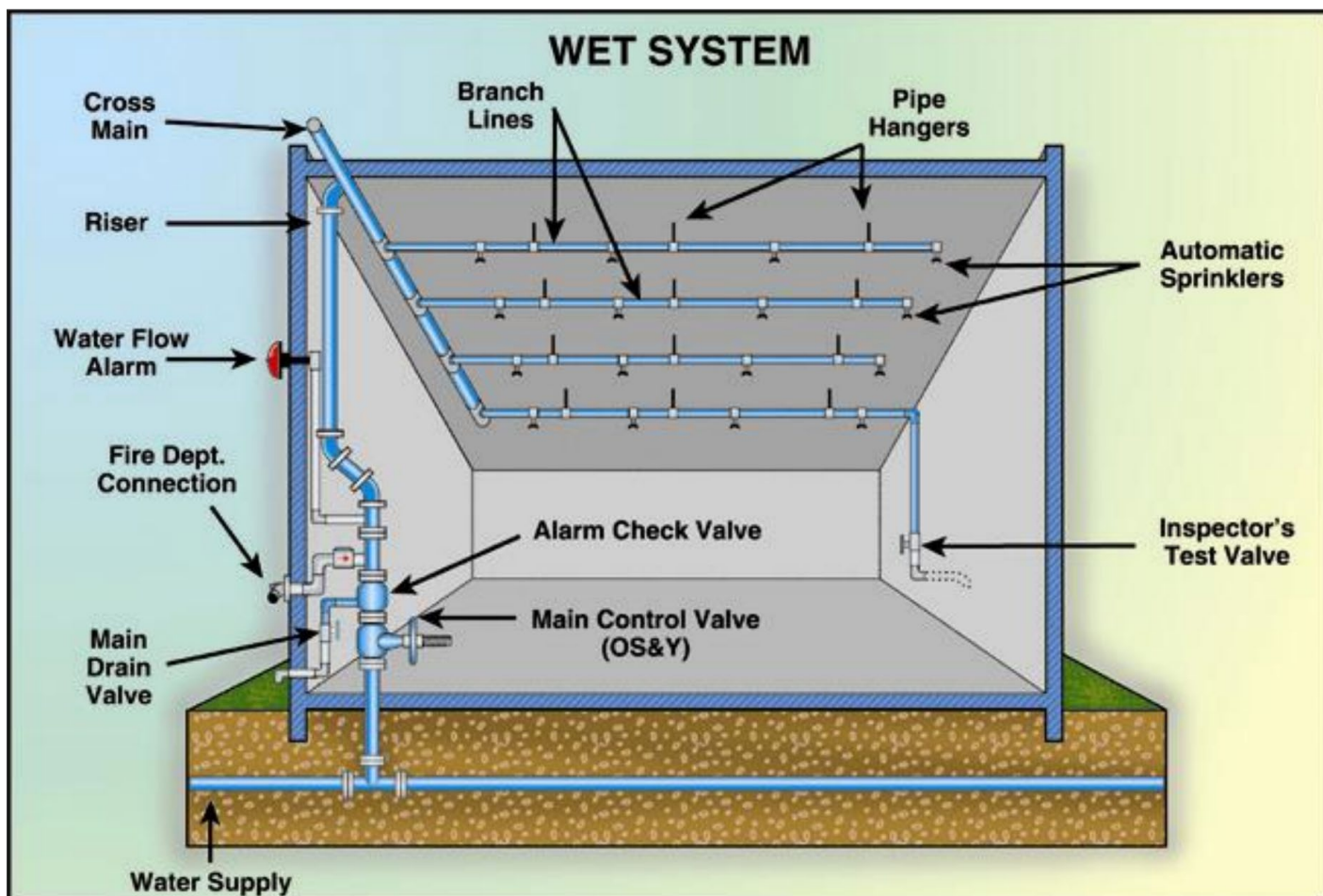
Este sistema inclui uma ou mais fontes de água e um ou mais sistemas de aspersão. O sistema inclui várias válvulas de aspersão (o regulador está instalado no telhado) e uma rede de tubagens onde os fluxos de água podem ser visíveis ou ocultos.



As centrais dividem-se ainda em dois tipos: secas ou em carga. Uma das mais comuns é a central em carga. Os tubos deste tipo estão cheios de água que é distribuída sob pressão em caso de incêndio e continua a fazê-lo até que uma válvula de controlo seja fechada. O abastecimento depende de um elemento termo sensível que se rompe quando a temperatura ambiente atinge uma amplitude entre 57 e 77 °C, provocando a queda de água. O sprinkler ativa o abastecimento de água em caso de incêndio e a campainha de alarme soa para assinalar o perigo iminente.

A água na tubagem pode congelar em temperaturas extremamente baixas. Nestas circunstâncias, pode ser instalado um sistema de aspersão seco. Com estes sistemas, os tubos são pressurizados com ar e uma válvula impede a entrada de água até que o aspersor seja ligado em caso de incêndio. Nos sistemas de sprinklers secos, os tubos a montante da estação de controlo são sempre pressurizados com água, enquanto os tubos a jusante da estação são sempre pressurizados com ar. Quando um ou mais distribuidores são abertos, a pressão do ar desce, permitindo imediatamente a entrada de água nas tubagens de distribuição.

Assim, as centrais secas têm as mesmas vantagens que as plantas húmidas, mas são mais lentas na pulverização da água quando ativadas. Em caso de incêndio, o sistema de aspersão inicia o fornecimento de água, enquanto a campainha de alarme entra em ação, disparando o aviso de alarme.



Sistema de tubagem de aspersão

Detetores de fumo

Os detetores de fumo existem em duas variedades: Os modelos “câmara ionizante” e “feixe ótico”. A variação do campo elétrico que se produz para a criação de iões no ar em caso de incêndio permite aos detetores de fumo de câmara ionizante detetar a presença de fumo. Estes detetores funcionam bem em situações em que os incêndios se propagam rapidamente, como quando são lançadas garrafas de cocktail Molotov. Além disso, é preciso ter em conta o facto de os locais de culto estarem vazios à noite. Por isso, se não existirem sistemas de alarme de intrusão ou câmaras, seria muito fácil para um incendiário entrar e iniciar um incêndio que, se não fosse detetado imediatamente, poderia resultar na destruição total do edifício, prejudicando seriamente o património artístico e cultural da comunidade local.

Os detetores de fumo de feixe ótico funcionam graças a um fenómeno particular de difusão ótica da luz, o chamado “efeito Tyndall”. O fumo que se desenvolve durante um incêndio invade a câmara do detetor e altera a forma como a luz se espalha no interior, gerando um alarme. Não são recomendados para instalação nas estruturas de interesse porque estão muito sujeitos a falsos alarmes devido à baixa luminosidade de algumas zonas.



Detetor de fumo

Extintores de incêndio

Os extintores de incêndio são um componente crucial do sistema de segurança de qualquer edifício. Uma vez que os bombeiros precisam de algum tempo para chegar, eles são a técnica mais segura de prevenção de incêndios e de resposta a emergências. Existem extintores de vários tipos, consoante o tipo de incêndio que devem apagar. Pode valer a pena utilizar simultaneamente extintores de CO2 colocados em diferentes pontos da estrutura e um extintor de pó de grande capacidade, mas esta avaliação deve ser feita caso a caso com a ajuda de um consultor especializado em proteção contra incêndios. É aconselhável diferenciar para fazer face a muitas formas de incêndio que podem surgir durante um assalto ou fogo posto, salvaguardando ao mesmo tempo o património cultural do local de culto. É óbvio que utilizar CO2 para apagar um incêndio iniciado por uma garrafa de cocktail Molotov que espalha líquido combustível é diferente de tentar apagar um incêndio criminoso que foi ateado numa porta principal de madeira. Devido à vasta área queimada no segundo caso e à possibilidade de o CO2 não ser eficaz, o pó é mais eficiente. De um modo geral, os extintores de CO2 podem ser utilizados para apagar incêndios pequenos ou como os provocados por cocktails Molotov (um agente líquido), enquanto os extintores de pó podem ser utilizados para apagar incêndios maiores, como os provocados por grandes estruturas de madeira. Para um combate mais eficaz ao incêndio, os extintores devem ser operados por pessoal habilitado para o efeito.

CLASSE DE FOGO	TIPOS DE EXTINTORES DE INCÊNDIO		
	CO2	POLVERE	SCHIUMA
A - SÓLIDO	✗ (grandes sólidos)	✓	✓
B - LÍQUIDO	✓	✓	✓
C - GÁS	✓	✓	✗
D - METAL	✗	✓	✗
E - DISPOSITIVOS ELECTRÓNICOS	✓	✓	✗
F - ÓLEOS E GORDURAS	✗	✗	✗

Os extintores de CO₂ contêm dióxido de carbono líquido comprimido. O ar é puxado para dentro do extintor quando este é ativado e, quando o líquido é ejetado, transforma-se em neve de dióxido de carbono. Também é conhecido como “gelo seco”. A neve carbônica muda mais uma vez e volta à forma gasosa quando entra em contacto com o fogo, subtraindo-lhe oxigénio e, portanto, sufocando-o. Quando se utilizam estes extintores, é necessário ter um cuidado redobrado se houver pessoas por perto, pois podem provocar queimaduras pelo frio e problemas respiratórios. Ao mesmo tempo, este fator deve ser tido em conta no caso de ter de se defender de um potencial terrorista, quando a fuga não é uma opção.

Por outro lado, os extintores de pó são mais dúcteis e eficazes na extinção de praticamente todos os tipos de incêndios. São muito eficazes na extinção de incêndios provocados por materiais sólidos, líquidos, gasosos e metálicos. Podem também apagar incêndios de equipamentos elétricos, embora isso provoque danos permanentes no equipamento. Este tipo de extintor também apaga incêndios por arrefecimento e abafamento. Quando utilizado no interior de um edifício, pode provocar intoxicações e espalhar uma quantidade significativa de material extintor na área a cerca de 4 ou 5 metros do fogo. Como já foi referido, quando necessário, pode ser utilizado um extintor de carrinho transportável. Os extintores de CO₂ devem ser geralmente preferidos porque produzem menos danos nos materiais próximos do que o pó.

Portas corta-fogo

Para abafar o fogo e impedir a sua propagação, as portas corta-fogo são construídas para resistir ao calor das chamas e cortar o fornecimento de oxigénio. Para criar estas defesas passivas, podem ser utilizados aço, gesso, vidro, camadas de vermiculite, madeira e outras combinações destes materiais. Os objetivos das portas corta-fogo são os seguintes:

- impedir a propagação do fogo e do fumo no interior de um edifício ou entre estruturas adjacentes;
- dar aos ocupantes do edifício uma saída;
- permitir que os bombeiros intervenham com algum grau de segurança;
- facilitar o funcionamento dos sistemas ativos de combate a incêndios;
- salvaguardar as obras de arte e os marcos culturais situados nessas zonas.

Essas portas devem garantir o seguinte:

- Resistência: a porta é resistente às chamas e impede a propagação do fogo para fora do ambiente onde ocorreu;
- Hermeticidade: a porta impede a passagem dos gases produzidos pelo incêndio para outros ambientes;



- Isolamento: a porta isola as instalações do local onde se desenvolveu o incêndio, mantendo as temperaturas dentro dos limites estabelecidos (cerca de 150° C).

As portas podem resistir ao fogo até cerca de 180 minutos. A criação de espaços seguros temporários é uma aplicação adicional e crucial das portas corta-fogo. Além disso, alguns ataques recentes a locais de culto de várias religiões, sublinharam que os terroristas por vezes possuem apenas facas, não tendo acesso a armas de fogo ou explosivos. Nestes casos, uma porta corta-fogo robusta pode bloquear eficazmente o acesso de um indivíduo armado, oferecendo segurança até à chegada de ajuda. Esta importância é ainda maior se tivermos em conta que as salas de pânico nem sempre estão disponíveis nos locais de culto. Além disso, as portas podem incluir funcionalidades extra, como fechaduras eletrónicas inteligentes ativadas apenas por indivíduos autorizados.

Fechaduras eletrónicas inteligentes

Uma fechadura eletrónica inteligente é um dispositivo de domótica que pode ser instalado em todos os tipos de portas. Tanto as portas interiores como as exteriores podem ter este tipo de fechaduras. Estas portas permitem o controlo de acesso e podem ser abertas ou não, dependendo se a pessoa que tenta entrar possui a autorização necessária. Estes sistemas de segurança podem ser geridos remotamente através de um painel de controlo ou de uma aplicação para telemóvel. Em caso de ataque, os responsáveis pelo sistema podem permitir a entrada da polícia abrindo remotamente as portas sem se colocarem em perigo. Isto também evita o arrombamento de portas históricas ou a utilização de explosivos para derrubar paredes pelas forças policiais que tentam aceder ao local de culto.

A fechadura eletrónica inteligente é um dispositivo de reconhecimento do utilizador que pode funcionar em diferentes modos. O modo mais comum consiste em ligar-se por Bluetooth ou Wi-Fi a uma aplicação descarregada no telemóvel. Esta aplicação permite o controlo remoto e o reconhecimento automático do telemóvel para garantir o acesso sem ter de efetuar qualquer operação no telemóvel.

Existem também fechaduras com sistemas de acesso numérico, reconhecimento de voz ou reconhecimento de impressões digitais. A solução mais prática, neste caso, parece ser a do acesso por telemóvel.



Fechadura eletrónica inteligente

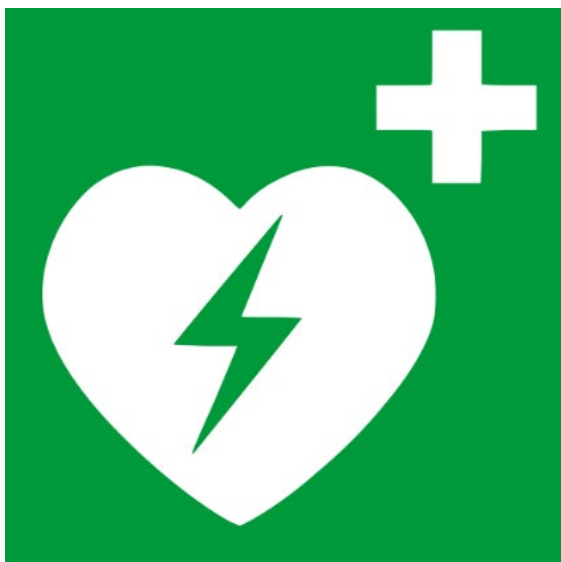
Dispositivos DAE

Os DAE (Desfibrilhador Automático Externo) são um tipo de equipamento médico utilizado em toda a Europa e que é normalmente disponibilizado aos utilizadores em zonas de grande concentração de pessoas (por ex. zonas comerciais, edifícios públicos, terminais de transportes, etc.). Pode ser facilmente identificado pelo seu símbolo característico e bem visível e pode salvar vidas.

Os DAE dividem-se em duas categorias principais:

- Desfibrilhador automático externo;
- Desfibrilhador externo semiautomático.

Existe apenas um botão "ON/OFF" no desfibrilhador automático externo. O DAE avaliará automaticamente o doente após a aplicação dos "PADS", ou elétrodos, e decidirá se deve ou não administrar a descarga ou o choque. Através de comunicações áudio do DAE, o utilizador



e o socorrista são constantemente informados dos procedimentos efetuados pelo equipamento médico e recebem orientações sobre as medidas necessárias. É aconselhável dar formação a algumas pessoas sobre a utilização deste dispositivo, bem como sobre as técnicas básicas de primeiros socorros (BLS-D). A pessoa que decide intervir durante um ataque terrorista deve estar ciente de que isso pode ser extremamente arriscado, porque alguns terroristas podem estar por perto. Por conseguinte, recomenda-se vivamente que as pessoas que decidam fazê-lo tenham pelo menos uma compreensão básica dos riscos deste tipo de intervenção.

Símbolo do dispositivo DAE

Botões de pânico

Um alarme de pânico é um dispositivo eletrónico simples que pode ser utilizado para alertar para a necessidade de assistência numa emergência em caso de risco para pessoas ou bens. Foi concebido para reduzir o tempo necessário para que seja prestada ajuda. Muitas vezes, mas nem sempre, é utilizado um botão de alarme de pânico oculto para o acionar. Estes botões podem estar ligados a uma estação de monitorização, a um sistema de alarme local ou a uma campainha ou sirene que possa ser ouvida. O alarme pode ser utilizado para chamar a segurança local, a polícia ou os serviços de emergência para ajuda em caso de emergência. Alguns dispositivos podem ligar, registar ou avaliar o evento. Estes botões são dispositivos elétricos com baterias internas de longa duração, normalmente são à prova de água e de choque (impacto) e extremamente duráveis. Quando premidos, muitos botões de alarme de pânico ficam bloqueados e necessitam de uma chave para serem reiniciados. Outros podem ter um retardador e, durante esse breve intervalo de tempo, o pedido de assistência pode ser cancelado.

O serviço de monitorização opera um centro de atendimento que está aberto 24 horas

por dia para receber chamadas da consola do sistema. Alguns sistemas de monitorização utilizam operadores qualificados que podem avaliar com maior exatidão a gravidade dos pedidos de assistência e decidir se devem enviar um serviço de emergência ou tratar o problema remotamente. Um dispositivo eletrónico usado numa pulseira ou num colar como parte de um sistema de alerta médico é designado por botão de pânico de alerta médico ou alarme médico. Quando ativado, liga-se sem fios a uma consola em casa, marcando a equipa de monitorização do alarme para os notificar de uma emergência. Os serviços de emergência serão chamados consoante a urgência do problema, de acordo com a equipa de monitorização do alarme. A vantagem de utilizar um botão de alerta numa emergência médica em vez de um telemóvel é que a pessoa que está em dificuldades pode não conseguir marcar o número de emergência ou pode não conseguir falar.

Em caso de atentado terrorista, este tipo de alerta de emergência pode ser muito útil, pois permite que as vítimas, como por exemplo os reféns que se encontram num local de culto, transmitam um alarme silencioso às forças de segurança. Assim, os terroristas podem ser surpreendidos pelas forças policiais. Estes dispositivos, devem, evidentemente, ser utilizados pelos responsáveis pela segurança e/ou por voluntários com conhecimentos especializados em matéria de segurança.

Autoproteção em caso de atentado terrorista

TÓPICO	RECOMENDAÇÃO
Manter uma distância de segurança	É fundamental evitar que um indivíduo suspeito se aproxime demasiado. Isso deve ser evitado principalmente por quem tem uma arma de serviço, pois o agressor pode atacá-lo para se apoderar da arma. Se um suspeito se aproximar, é importante evitar que ele ultrapasse a distância mínima de um metro. Se o fizer, é necessário recuar. Os portadores de armas de serviço devem evitar colocar-se em posições em que possam ser apanhados de surpresa.
Mesmo se estiveres ferido, foge	Mesmo que já tenha sido ferido uma vez, é essencial fugir imediatamente para evitar ser atingido novamente. Embora seja improvável que uma única facada possa matar uma pessoa, tentar fugir continua a ser vital para evitar mais ferimentos. Em vez de tentar bloquear o agressor, é essencial afastar-se do seu raio de ação, porque se ele não estiver à queima-roupa, a sua arma não serve para nada e, ao ter de perseguir a vítima, vai tirar-lhe o impulso para o ataque.

No caso de ser apanhado, tente esquivar-se e fugir	O sentimento de medo, de choque ou de surpresa pode apoderar-se de quem é apanhado por um terrorista. Nestes casos, é essencial não se deixar abater psicologicamente e tentar fugir o mais rápido possível.
Gritar ou berrar com todo o fôlego que tiver na garganta	Se fores atacado, começa a gritar para alertar as pessoas à tua volta, para que possam fugir e pedir ajuda. Isto também pode intimidar o agressor porque chama a atenção para ele.
Utilizar objectos para proteger e manter o agressor à distância	Um saco pode ser utilizado para se defender de facadas e uma cadeira para manter o agressor à distância. Colocar-se atrás de um objeto grande, como um carro ou uma mesa, pode atrasar a ação do agressor e dificultar o seu alcance.
Se estiver de mãos nuas, proteger-se de um ataque de faca utilizando a parte exterior dos antebraços, dando pontapés e mantendo os punhos fechados	Se dovete difendervi a mani nude da un attacco con coltello, è meglio usare la parte esterna degli avambracci e tenere i pugni chiusi, piuttosto che le mani aperte. Gli avambracci sono più robusti e meno sensibili. Se cadi, scalcia con i piedi per evitare che l'aggressore ti salti addosso (i piedi sono protetti dalle scarpe).
Se estiver dentro de um edifício	Um quarto seguro, que pode ser trancado a partir do interior, é uma alternativa muito válida.

CONCLUSÃO



Em resumo, esta é uma visão geral das principais medidas técnicas de segurança que podem ser tomadas em consideração na proteção de um local de culto:

Medida de atenuação	Localização	Ameaça	Objetivo
Sistema de aspersão	Interno	Incêndio	Quando a presença de um incêndio é detetada, através de um detetor de temperatura, uma vez ultrapassado um limiar de calor (normalmente entre 68 e 74°C), o sistema é ativado para extinguir o incêndio através de um sistema de extinção por chuva e de aspersão
Extintores de incêndio	Interno	Incêndio	Para permitir a intervenção manual, eventualmente antes da ativação do sistema de sprinklers
Divisórias internas à prova de fogo	Interno	Incêndio	Utilizar divisórias interiores e bancadas resistentes ao fogo

Materiais para mobiliário	Interno	Incêndio	Utilizar tapetes, cortinas, tecidos e almofadas resistentes ao fogo
Alarme de incêndio / Detetor de fumo	Interno	Incêndio	Comunicar prontamente o incêndio quando houver alguém no local de culto
Portas corta-fogo	Interno	Incêndio / agressão	Impedem a propagação do fogo e oferecem uma proteção robusta para se abrigar em caso de assalto
Janelas	Interno	Ataque	Todos os acessos ao exterior, se existirem ou forem envidraçados, devem ser inquebráveis e opacos, de modo a impedir a visão do exterior, bem como as janelas
Saídas de emergência	Interno / Externo	Qualquer emergência	Preparar vias de evacuação e vias alternativas de acordo com a regulamentação local com portas de segurança antipânico ou, na presença de compartimentos de separação, com portas corta-fogo com uma vedação mínima de 60 minutos. Predisporre vie di fuga e alternative secondo le normative locali con porte di sicurezza antipânico o in presenza di vani divisori con porte REI con tenuta minima di 60 minuti.

CCTV	Externo	Ataque	Sistema CCTV ligado via WiFi com alimentação separada da rede elétrica e a base não localizada no rés do chão. Os requisitos básicos dão a possibilidade de monitorização 24/7 mesmo à distância, sensores de alarme, equipamento de infravermelhos para a noite e a possibilidade de gravação na nuvem.
Gerador de reserva	Externo	Qualquer emergência	Mantém os sistemas em funcionamento mesmo que a fonte de alimentação principal seja cortada.
Barreiras/ portões anti abalroamento	Externo	Ataques a veículos	Barreiras móveis à prova de estilhaços para evitar eventuais ataques de veículos. Na maioria dos casos, quando tal não for possível, bastará fechar o acesso ao local com portões.
Iluminação	Externo	Qualquer emergência	Ailuminação suplementar, alimentada por uma fonte alternativa à principal, é um fator dissuasor de muitos ataques de vandalismo
Formação	Recursos humanos	Qualquer emergência	Permite o reconhecimento de comportamentos suspeitos e a avaliação de riscos através do VAC, estabelecendo também as contramedidas necessárias. Permite perceber quais os procedimentos de segurança a estabelecer.

Procedimentos de emergência de segurança	Recursos humanos	Qualquer emergência	São essenciais para sensibilizar a comunidade de fiéis e os líderes religiosos para o que fazer em caso de emergência e, acima de tudo, para os preparar para a execução dos procedimentos previamente desenvolvidos.
Aplicação de segurança	Recursos humanos	Qualquer emergência	Uma aplicação utilizada pelos fiéis para comunicar emergências, em ligação com a polícia

As comunidades religiosas não podem ser facilmente classificadas, uma vez que não são organizações governamentais nem do sector privado. Normalmente, dispõem de infraestruturas enormes e obsoletas e carecem de conhecimentos profissionais no domínio da segurança e da proteção. Isto é claramente compreensível, uma vez que o seu interesse reside na religião e não na proteção e segurança.

O que foi aqui sublinhado é que, **infelizmente, as comunidades religiosas foram, são e serão alvo de ataques violentos e terroristas e que os líderes religiosos, bem como as outras partes interessadas locais, precisam de estar conscientes destas ameaças para garantir que essas comunidades possam preservar a sua liberdade e desfrutar da sua vida religiosa e comunitária em segurança.**

06

**NO RESCALDO
DE UM ATAQUE**

Protocolos de gestão de crises

Apesar de todas as medidas de prevenção e segurança apresentadas neste manual, **podem ainda ocorrer atos violentos ou terroristas**. Por esta razão, considerámos útil acrescentar um último capítulo sobre o importante papel desempenhado pelos líderes das comunidades religiosas, pelos responsáveis políticos locais e pelos representantes das forças de segurança, no rescaldo de um atentado. Estes ataques, como quaisquer outros acontecimentos traumáticos e independentemente da sua origem ou escala, têm o potencial de **causar angústia e têm o maior impacto na comunidade local afetada**.

Nos casos mais graves, todas as autoridades nacionais dispõem de **protocolos ou planos de intervenção em situações de crise** a ativar imediatamente, com o objetivo de gerir e coordenar as equipas de primeira intervenção, integrando

as estruturas de governação nacionais, regionais e locais.

Independentemente da gravidade do ataque sofrido, **as consequências podem ser atenuadas por uma liderança política, religiosa e civil eficaz, com uma capacidade de intervenção destinada a reforçar a coesão comunitária e o apoio social às vítimas e sobreviventes**. De facto, há provas na literatura científica que indicam que a forma como são geridas as respostas psicossociais das pessoas às catástrofes pode ser um fator determinante na capacidade de recuperação das comunidades. Assim, as atividades - a curto, médio e longo prazo - que normalizam as reações, protegem os recursos sociais e comunitários e indicam o acesso a serviços adicionais são fundamentais para respostas psicossociais eficazes.

Ver esta orientação não vinculativa do Comité Médico Conjunto da NATO, sobre Cuidados Psicossociais para Pessoas Afetadas por Catástrofes e Incidentes Graves: um Modelo para a Conceção, Prestação e Gestão de Serviços Psicossociais para Pessoas Envolvidas em Incidentes Graves, Conflitos, Catástrofes e Terrorismo.

https://www.coe.int/t/dg4/majorhazards/ressources/virtuallibrary/materials/Others/NATO_Guidance_Psychosocial_Care_for_People_Affected_by_Disasters_and_Major_Incidents.pdf

Apoiar as vítimas e a resiliência da comunidade

Após a prestação de cuidados de emergência às vítimas, sobreviventes e familiares de uma pessoa cuja morte foi diretamente causada por uma ação violenta ou terrorista, as suas **necessidades específicas** devem ser avaliadas:

- Reconhecimento e respeito do seu papel de vítima;
- Apoio: cuidados médicos, cuidados psicológicos especializados em caso de traumatismo, informação, assistência prática, assistência jurídica, apoio em matéria de comunicação (meios de comunicação), apoio dos pares, etc.;
- Proteção: proteção física, proteção contra a vitimização secundária;
- Acesso à justiça: participação segura no processo de justiça penal;
- Indemnização e recuperação: compensação financeira e ajuda para fazer face ao impacto financeiro de um ataque violento ou terrorista. O restabelecimento inclui a recuperação global e os processos de justiça reparadora.

As necessidades individuais das vítimas dependem das suas características pessoais, da idade, da saúde (mental), da situação social e económica, da situação transfronteiriça e de fatores de stress diários. Estas necessidades evoluirão com o tempo, pelo que a resposta às necessidades das vítimas do terrorismo exige uma **abordagem individualizada e centrada na vítima**.

Em 18 de janeiro de 2021, a Comissão publicou o Manual da UE sobre Vítimas de Terrorismo, elaborado pelo Centro de Referência da UE para as Vítimas de Terrorismo. O Manual da UE tem como objetivo ajudar as autoridades nacionais e as organizações de apoio às vítimas na aplicação prática da legislação da UE, com base nos ensinamentos retirados das respostas a anteriores ataques terroristas. Está disponível aqui:

https://commission.europa.eu/strategy-and-policy/policies/justice-and-fundamental-rights/criminal-justice/protecting-victims-rights/eu-centre-expertise-victims-terrorism_en

Além disso, os manuais nacionais complementam o Manual da UE sobre Vítimas de Terrorismo (publicado em janeiro de 2021) e desenvolvem os direitos das vítimas de terrorismo em cada Estado-Membro. Em particular, incluem exemplos avançados ou específicos do sistema, com informações e ferramentas práticas, no contexto nacional dos Estados-Membros. Estão disponíveis aqui:

<https://commission.europa.eu/publications/eucvt-national-handbook-victims-terrorism-en>

Se os atentados violentos ou terroristas prejudicam a coesão social e cultural, isso é ainda mais verdadeiro e profundo quando o alvo é um local de culto. Por isso, recomendamos uma **ação mais ampla de acompanhamento social e de reabilitação social** dirigida não só às vítimas, mas também à comunidade local no seu conjunto.

Este tipo de ataques, de facto, pode muitas vezes promover a polarização que divide as comunidades e que pode levar alguns a radicalizarem-se. Assim, **uma liderança política, religiosa e civil eficaz deve cuidar da resiliência das suas comunidades**, tal como salientado nas práticas e programas de prevenção antecipada no capítulo 3.

Além disso, a manutenção de um diálogo inter-religioso forte e contínuo, com reuniões periódicas entre as comunidades religiosas locais, é cada vez mais importante para atenuar a polarização e a radicalização, não só quando ocorre um atentado terrorista que afeta localmente uma das comunidades, mas também quando o atentado ocorre longe, causando um vasto eco internacional, como no caso das guerras passadas e presentes no Médio Oriente.



07 PARCEIROS DA SHIELD



SYNYO GmbH

Sítio Web: synyo.com



Fundacja Obserwatorium Społeczne

Sítio Web: obserwatoriumspoleczne.pl



Institutul Intercultural Timisoara

Sítio Web: intercultural.ro



Zanasi & Partners

Sítio Web: zanasi-alessandro.eu



FUNDACION EUROARABE

المؤسسة الأوروبية-العربية

FUNDEA

Sítio Web: funde.org



TECOMS

Sítio Web: tecoms.it



Spin System

Sítio Web: spinsystem.eu



Hochschule für den
öffentlichen Dienst
in Bayern

Fachbereich
Polizei

Hochschule Für Den Öffentlichen Dienst in Bayern

Sítio Web: fhvr.bayern.de



Município do Barreiro

Sítio Web: cm-barreiro.pt



Europe Islamic Association

Sítio Web: euroislam.eu



Institute for the Study of Global Antisemitism and Policy - Europe



European Organisation for Security

Sítio Web: eos-eu.com



Polskie Towarzystwo Oceny Technologii

Sítio Web: ptot.pl

Itapol Vigilanza

Sítio Web: italpolvigilanza.it



Centro Internazionale di Ricerca Sistemica

Sítio Web: ricercasistemica.org



Fondazione Amici della Cattedrale di Novara

Sítio Web: novaria.org



Glavna Direktsia Natsionalna Politsia

Sítio Web: gdnп.mvr.bg



תרל"ח | 1877

Országos Rabbikepző Zsidó Egyetem

Sítio Web: or-zse.hu



SHIELD